

Ensino coletivo de violão e teoria musical no formato remoto emergencial: um relato de experiência no PIPBEX

GTE 14 - Ensino e aprendizagem online de instrumentos musicais

Comunicação

*Moacir Emanuel Silva Moreira
Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE)
manuelmoreira.contato@hotmail.com*

*Adelson Aparecido Scotti
Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE)
adelson.scotti@ifsertao-pe.edu.br*

Resumo: Diante da situação atípica enfrentada pela Covid-19, professores e alunos tiveram que sair dos espaços físicos do âmbito educacional e se reinventar, buscando soluções a partir ferramentas digitais. O objetivo desse artigo é relatar as experiências vivenciadas no projeto de extensão PIPBEX denominado Ensino coletivo de violão e teoria musical. Assim como tantos outros, esse projeto aconteceu no formato de ensino remoto emergencial. Nesse formato de ensino, o artigo relata os desafios e soluções enfrentadas na execução do projeto em ambiente on-line. Primeiramente, aborda sobre a perspectiva teórica de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) e Ensino Remoto Emergencial (ERE). Em seguida, é feito um panorama do projeto e sua dinâmica de execução. Ainda, explana sobre as adaptações do ECIM para ERE e as ações desenvolvidas para transpor uma proposta de projeto inicialmente presencial para virtual. De maneira geral, o projeto atendeu aos objetivos propostos, dando aos alunos a oportunidade de aperfeiçoar aspectos técnicos do violão tocando músicas do repertório do violão popular e conceitos de teoria musical.

Palavras-chave: Ensino coletivo de violão; Ensino remoto emergencial; Projeto de extensão

1. Introdução

A música sempre esteve presente em nosso cotidiano seja em casa, na rua, em festas, manifestações ou simplesmente ouvir no celular. Para Confúcio, o prazer que a música nos proporciona nos leva a não conseguir viver sem ela. A frase atribuída ao filósofo chinês, que viveu entre 551 e 479 a.C., sugere que a música é inerente ao homem. Ao ouvir uma música nos deparamos na beleza de suas melodias e harmonias produzidas por meio da voz e diversos instrumentos musicais. Esses instrumentos despertam no homem a vontade do fazer musical, ou seja, interesse de aprender a tocar e, através deles, expressarem seus sentimentos ou somente se divertirem ao tocar.

Dentre os vários instrumentos musicais, o violão desperta interesse para estudar e tocar, pois acaba ganhando destaque por estar presente em vários gêneros musicais na música Brasileira. Podemos citar o compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que compôs uma obra significativa para violão solo, projetando o Brasil no cenário da música erudita. Na música popular, segundo Thomaz e Scarduelli (2017, p. 3), é a partir do “caráter urbano que se desenvolve a identidade do violão no Brasil, principal acompanhador da voz em canções e proeminente solista a partir de meados do século XIX.” É possível identificar o instrumento na música popular em vários estilos como no Rock, Samba, Sertanejo, Bossa-Nova, MPB e outros. Vale dizer que a popularidade do instrumento também pode ser creditada ao seu baixo custo e facilidade no transporte e, por isso, presente na maioria das casas.

Os interessados em aprender tocar violão vão à procura de professores. Porém, a partir desse ponto, uma realidade se destaca. É possível que a falta de pedagogia adequada por parte desses profissionais leva muitos aprendizes a procurarem outros caminhos, seja por meio de sites especializados na internet ou até mesmo com amigos. Nessa perspectiva, Grossi (2003, p. 89) reforça que “no nosso cotidiano verificamos problemas em relação à falta de qualificação/capacitação dos professores de música para uma interferência mais eficiente, tanto nas escolas como em outros tipos de mercado de trabalho”. A falta de metodologias adequadas leva muitos desses aprendizes a não se desenvolverem, prejudicando a técnica instrumental e até mesmo ocasionando a perda de interesse.

Em vista desse cenário, o projeto de Ensino de Violão Popular e Teoria Musical, promovido no âmbito do Programa Institucional de Projetos e Bolsas de Extensão (PIPBEX) do Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), teve como proposta aperfeiçoar a técnica do instrumento através de repertório formado por gêneros musicais como rock, reggae, baião e outros. Além disso, abordou conceitos de teoria musical que, por vezes, são negligenciados no ensino do instrumento. O objetivo geral do projeto foi desenvolver um trabalho de ensino de violão popular em grupo bem como conceitos de teoria musical para os alunos do IFSertãoPE, Campus Petrolina e comunidade petrolinense.

É importante ressaltar a mudança da metodologia ocorrida após a aprovação do projeto. Fomos pegos de surpresa e tivemos que nos reinventar em vários contextos por causa da pandemia do Covid-19. No que diz respeito ao ensino, muitos professores, para minimizar os impactos da proliferação do vírus e manter as medidas de distanciamento social, buscaram soluções e estratégias para reverter a situação explorando atividades mediadas por

tecnologias digitais. Nesse viés, o projeto de Ensino de Violão Popular e Teoria Musical se realizou de forma remota.

Esse artigo pretende mostrar os resultados do projeto de Ensino Coletivo de Violão Popular e Teoria Musical, seja nos aspectos referentes as aulas, dificuldades e soluções encontradas durante a execução. Para isso, apresentamos a perspectiva teórica que embasou o projeto, clarificando os conceitos de Ensino Coletivo de Instrumentos Musical (ECIM) e Ensino Remoto Emergencial (ERE). Logo após, colocamos em evidência o projeto e destacamos como ele aconteceu, a seleção dos alunos, a organização das aulas, a escolha dos aplicativos, a adaptação do ECIM para o formato ERE e as atividades desenvolvidas durante a execução do projeto.

2. Perspectiva teórica do projeto

2.1. Sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais (ECIM)

O ensino coletivo de instrumentos musicais (ECIM) foi a metodologia utilizada durante as aulas. Esse formato de ensino é uma proposta de trabalho que vem sendo utilizada pelos professores de música, pois além de receber um número maior de alunos, possui uma abordagem colaborativa que possibilita os alunos aprenderem uns com os outros, conferindo ao professor o papel de organizador e mediador do conhecimento.

Tourinho (2007) ao dizer sobre importância do ECIM, destaca que os alunos podem aprender em grupo, diferentemente do ensino tutorial, caracterizado por um professor ministrando aula para um aluno. Nesse aspecto, o ensino tutorial se direciona quando há a intenção de aprofundamento instrumental, que pode “ser necessário para os estudantes que desejam se especializar no estudo instrumental, tendo em vista de se profissionalizar”, assim como argumenta Stervinou (2014, p. 32). No ECIM, os princípios básicos, de acordo com Tourinho (2007), podem ser identificados da seguinte forma: todos podem aprender a tocar um instrumento; acreditar que todos aprendem com todos; o ritmo da aula é planejado e direcionado para o grupo; o planejamento é feito para o grupo, levando-se em conta as habilidades individuais de cada um; autonomia e decisão; e, o ECIM elimina os horários vagos, uma vez que sempre haverá aluno na aula.

Para os alunos iniciantes, o ECIM é a estratégia mais adequada para esse nível formativo (TOURINHO, 2007). E nesse sentido, Souza (2014, p. 337) sustenta que “a maioria

dos autores quando se referem ao ensino coletivo de instrumentos musicais logo o relacionam com aulas iniciantes, independentemente da idade”. Souza (2014, p. 341) aponta outras características do ensino coletivo, como sendo “uma abordagem de ensino que visa a construção da aprendizagem musical através da relação indivíduo com o professor, os colegas e o ambiente de aprendizagem.” Stervinou (2014), apresenta o ECIM da seguinte forma:

um método motivador no início dos estudos musicais por vários motivos: os estudantes se incentivam a tocar, eles colaboram na aprendizagem musical do grupo, aprendem a se escutar e escutar os outros, adquirem habilidades na técnica instrumental do instrumento escolhido e também nos outros instrumentos presentes no grupo quando é uma prática heterogênea, adquirem competências na leitura de partituras, e também aprendem a viver em grupo, a respeitar os outros músicos e a se comprometer com o grupo. (STERVINO, 2014, p. 31-32)

Esse processo de motivação entre os alunos dentro do ECIM, Stervinou (2014) percebeu que os alunos que sabiam mais acabavam motivando os que tinham mais dificuldades e, com isso, o grupo se beneficiava. Tourinho (2007, p. 5) reforça que “todos trabalham juntos e se ajudam mutuamente sob a supervisão do professor, quem sabe mais ensina quem sabe menos”.

No ECIM é possível encontrar além da aprendizagem técnica do instrumento, momentos para ensinar outros conteúdos musicais, “agregando não somente a prática de conjunto, mais também, a percepção e solfejo, a técnica instrumental, a história da música, a análise, etc” (STERVINO, 2014, p. 27). França e Swanwick (2002), ao estudarem na perspectiva de desenvolvimento amplo da compreensão musical, indicam que é preciso um envolvimento direto do aluno com a música, a partir de modalidades distintas,

O modelo didático é conhecido como C(L)A(S)P, onde se refere como: C – (composição) formular e compor um objeto musical; L – estudo da literatura sobre a música; A – (Apreciação) escutar de forma consciente uma música; S – habilidades técnicas do instrumento; P – (Performance) realizar todo discurso musical. Essas modalidades devem ser distribuídas de forma equilibrada nos momentos de aula. Silva (2015) destaca que o:

trabalho com o C(L)A(S)P é válido no âmbito da performance instrumental, desde que seu emprego seja criterioso e tenha por premissa principal a construção de tarefas que permitam um acompanhamento entre o que o aluno está fazendo, e o que de fato está aprendendo”. (SILVA, 2015, p. 23-24)

É possível perceber que ao unir outras práticas e conhecimentos musicais a performance musical, o aluno poderá ter um desenvolvimento musical abrangente. Assim, além de aprender o repertório musical e a técnica do instrumento, o aluno terá uma vivência com a música e o violão como um todo.

2.2. Sobre o ensino remoto emergencial (ERE)

Com a suspensão das aulas presenciais, decorrente da pandemia causada pela Covid-19 no início de 2020, os professores e estudantes tiveram que se deslocar para ambientes on-line. Assim, dispuseram de soluções metodológicas através do formato ensino remoto ou Ensino Remoto Emergencial (ERE), que se popularizou no setor Educacional. Behar (2020) aponta que:

o ensino presencial físico precisou ser transposto para os meios digitais. No ERE, a aula ocorre num tempo síncrono (seguindo os princípios do ensino presencial), com videoaula, aula expositiva por sistema de webconferência, e as atividades seguem durante a semana no espaço de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) de forma assíncrona.” (BEHAR, 2020, p. 1)

No ERE, o espaço físico da sala de aula presencial passa a ser substituído de forma provisória e mediado por meio de tecnologias digitais. É importante destacar que ERE é diferente de Educação a Distância (EaD). Segundo Rodrigues (2020, p. 1), na “EaD, desde o planejamento até a execução de um curso ou de uma disciplina, há um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e de aprendizagem.” Ou seja, toda metodologia, conteúdos e aspectos tecnológicos são pensados e organizados de modo a serem utilizados e executados durante o curso.

Por outro lado, o “Ensino Remoto de Emergência é, na realidade, um modelo de ensino temporário devido às circunstâncias desta crise” (MOREIRA; SCHELMMER, 2020, p. 9). Nesta perspectiva, Moreira e Schelmmmer (2020, p. 9) apontam que “o objetivo principal nestas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional online robusto, mas sim fornecer acesso temporário e de maneira rápida durante o período de emergência ou crise.” O ERE é uma proposta metodológica e pedagógica que sai dos espaços físicos e busca adequar-se em espaços on-line.

No ERE, a comunicação entre docentes e discentes é dividida em momentos Síncronos e Assíncronos. Nas aulas em momentos síncronos, professores e alunos

compartilham sua presença em tempo real, mediadas por tecnologias digitais. Para Moreira, Henriques e Barros (2020, p. 357), “estas sessões síncronas são muito úteis, sobretudo, para desenvolver atividades que necessitem de feedback imediato, para promover a participação ativa de estudantes ou para avaliar a aquisição dos conhecimentos.” Nessas condições, os participantes têm o auxílio de ferramentas digitais por vídeo chamadas, como exemplos *Zoom* e *Google Meet*. Além disso, essas plataformas possuem recursos de gravação dos vídeos, oportunizando a disponibilização dessas aulas em momentos assíncronos, para que os estudantes revejam os conteúdos em outros horários.

Em contraponto, nas aulas assíncronas, os envolvidos compartilham os mesmos espaços virtuais de comunicação, mas em momentos diferentes. Os fóruns, muitas vezes utilizados como espaços de comunicação, “são fundamentais e respondem à essência da educação digital em rede, já que não requerem uma confluência do professor e de seus estudantes no espaço e no tempo, proporcionando a flexibilidade que caracteriza este modelo educativo” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 354). Ou seja, nas aulas assíncronas, a interação não acontece em um tempo real, podendo ser expostas através de vídeoaulas, webinários, redes sociais ou até indicações de link com conteúdo sugeridos ou gravados pelos próprios professores.

Nesse momento, percebemos que o ERE é um formato recente e sem uma estrutura consolidada. Entretanto, foi fundamental para que o ensino pudesse seguir em meio a pandemia. Os professores tiveram que ser inovadores em suas aulas, reinventando, buscando novos recursos metodológicos e assumindo o controle da criação, desenvolvimento e implementação das aulas (TOMAZINHO, 2020).

3. O projeto em ação

3.1. A dinâmica do projeto

O projeto extensão teve sua metodologia dividida em três etapas. Inicialmente, contou com a capacitação do aluno bolsista através de leitura da bibliografia dos principais autores que trabalham na perspectiva do ECIM, bem como pesquisas e análises de métodos de ensino do violão. Definido o público-alvo, foi possível fazer um planejamento dos conteúdos a serem abordados durante o curso (teoria musical, ritmos e repertório). Também

contou com a elaboração do edital e seleção dos alunos. Por fim adaptações do ECIM ao ERE. Esse ponto será abordado com mais detalhes logo a frente.

O segundo momento se configurou na execução do projeto. No total, foram ministradas treze aulas, iniciando no dia 03 de setembro de 2020 e culminando no Recital Virtual no dia 26 de novembro de 2020. Os encontros foram através da plataforma *Google Meet*, com 3 (três) turmas com duração de 1 (uma) hora e cada turma tinha 6 (seis) alunos, totalizando 18 (dezoito) alunos atendidos. Para as aulas práticas, foi desenvolvido uma apostila que continha os seguintes conteúdos: breve história do violão, posição das mãos direita e esquerda, postura ao instrumento, diagrama dos acordes (maiores, menores e com sétimas). Ao final do projeto foi realizado um recital virtual, apresentado de forma síncrona, através da plataforma *Google Meet*. Estiveram presentes os alunos e seus familiares, coordenador do curso, a coordenadora de extensão e alunos do curso de Licenciatura em Música do IF Sertão PE. Mesmo sendo on-line, a apresentação foi bastante emocionante e foi possível perceber o empenho dos alunos para a gravação dos vídeos. Ainda, nessa etapa foi feita uma pesquisa de satisfação com os alunos para ter um feedback sobre a dinâmica das aulas remotas. Por fim, a terceira etapa foi direcionada para uma avaliação do projeto entre orientador e bolsista, a partir de seus relatos e o feedback dos alunos, a escrita do relatório final e a produção de artigo.

3.2. Sobre a seleção dos alunos

A inscrição foi feita por formulário eletrônico disponibilizado no site do IF Sertão PE e os critérios de seleção foram: 1) Possuir o violão; 2) Ser Iniciante 3) Cursar no mínimo o ensino-médio; 4) Ter acesso a internet; 5) Ter acesso as plataformas digitais (*Skype, WhatsApp e Youtube*); 6) Computador ou celular para gravações de exercícios. A seleção dos alunos foi por ordem de inscrição. Os alunos que não compareceram as duas primeiras aulas foram substituídos pelos próximos da lista. No total, 18 alunos foram selecionados. A maior parte dos alunos possuía idade entre 20 e 40 anos, mas também contou com dois alunos adolescentes e um idoso.

É importante fazermos uma ressalva nesse momento. Como o projeto aconteceu a distância, deu margem para a participação de alunos de diversas regiões. Sendo este um momento diferente, não pensávamos que o Edital de inscrição do projeto pudesse chegar além dos limites do campus Petrolina e comunidade petrolinense, assim como estava no

objetivo geral. Nesse sentido, a localidade não foi incluída como um critério de seleção. Por outro lado, foi gratificante saber que nosso projeto pôde chegar longe e despertar o interesse de muitas pessoas em aprender violão. Ao final, os alunos participantes do projeto estavam localizados em Petrolina (PE), Salgueiros (PE), Juazeiro (BA), Curaçá (BA), Rio de Janeiro (RJ), Campos dos Goytacazes (RJ), Palmas (TO) e Santa Rita (PA).

3.3. Seleção dos Aplicativos

Diante do cenário pandêmico, a execução do projeto contou com adaptações da metodologia do ECIM para o ERE. Barros (2020), adverte que o ensino remoto traz mais desafios quando se trata da música. Muitos foram os desafios encontrados para os professores de músicas, pois tiveram que repensar suas práticas e se adaptar ao formato remoto, sem ter um preparo adequado. Além disso, o autor expõe que as plataformas para videoconferências não possuem suporte para aulas de instrumentos musicais, ocasionando algumas dificuldades técnicas. Entre as dificuldades apresentadas em se trabalhar música de forma remota, é possível citar a fidelidade de som e afinação do instrumento, mas também problema de latência, ou seja, a diferença de tempo que a música demora para chegar de um ponta a outra da conexão. A qualidade do som também foi discutida por Scotti (2016). Segundo o autor, o “problema se agrava ao se considerar aulas síncronas, sejam elas por videoconferência ou outro suporte, na medida em que as variantes são maiores e terão que ser observados além do som, a imagem em movimento” (SCOTTI, 2016, p. 150). Portanto, para que as aulas síncronas tenham eficiência, é necessário observar a qualidade da internet, os microfones e as caixas que reproduzem, a fim de não gerar distorções do som do instrumento.

Nesse contexto, em reuniões entre orientador e bolsista, analisamos as vantagens e desvantagens de aplicativos e plataformas digitais disponíveis naquele momento. Tal atividade teve como objetivo selecionar quais se adaptariam melhor a proposta do curso, trabalhando na modalidade de aula síncrona e assíncrona.

Em reunião com os alunos selecionados no projeto, em posse das opções discutidas entre bolsista e orientador, ficou definido que a plataforma *Google Meet* seria utilizada para as aulas síncronas. O bolsista enviava os links para o acesso à sala minutos antes da aula. Nesse espaço foram trabalhados os conteúdos, revisão de atividades, bem como dinâmicas a fim de propiciar a aprendizagem colaborativa.

Outro aplicativo selecionado para troca de mensagens foi o *WhatsApp*. A proposta era ter uma comunicação rápida do professor com os alunos, bem como a interação entre os próprios alunos, gerando uma rede colaborativa, onde um ajudaria o outro (TOURINHO, 2007). Para a disponibilização dos materiais de apoio como vídeos gravados pelo professor, aplicativos de suportes às aulas, links diversos, apostila e cifras, foi utilizado o Classroom, por ter uma forma de organização simples e porque os alunos já tinham instalado em seus celulares.

Além da utilização desses recursos, alguns outros foram explorados durante as aulas. Por exemplo, o afinador do *CifraClub* (para afinar os instrumentos); *MobiDic Chord* (dicionário de acordes ilustrado para violão e guitarra); *Pro Metronome* (para controlar o tempo durante a execução da música), e o *Youtube* para reforçar os conteúdos trabalhados em aula e ampliar o repertório musical de cada aluno. Por fim, o *Google Forms* foi utilizado para uma pesquisa de satisfação do curso.

3.4. Adaptações do ECIM ao ERE

As aulas tiveram que ser adaptadas para manter a metodologia do ECIM e, com isso, proporcionar a aprendizagem colaborativa do violão e da teoria musical. Assim, no decorrer das aulas síncronas, trabalhamos de forma que todos pudessem participar tocando e/ou ajudando o outro. A estratégia utilizada foi a seguinte: quando o professor estivesse tocando, todos os alunos teriam seus microfones desligados, porém tocando juntos. A mesma coisa quando o professor pedia para um aluno tocar, como forma de verificar a técnica e/ou outros detalhes. Após a apresentação de cada aluno, o professor passava as informações relacionadas a execução para a turma, de maneira semelhante ao formato de *MasterClass*.

O processo colaborativo, característico do ECIM, foi verificado em vários momentos, seja nas aulas síncronas ou via grupo de *WhatsApp*. Observamos que os alunos que tinham um conhecimento maior abriam o microfone nas aulas síncronas ou enviavam mensagens no grupo para ajudar a resolver problemas técnico instrumentais e referentes ao uso de ferramentas tecnológicas. Também era comum o envio de vídeos no grupo como forma de incentivar os demais colegas e mostrar o desenvolvimento no violão naquele momento.

Vale destacar alguns problemas identificados nas aulas síncronas. Assim como Barros (2020) e Scotti (2016) alertaram para os problemas relacionados ao som, alguns imprevistos como a captação do áudio também foram notados no decorrer das aulas. Em vários momentos

a qualidade sonora ficou prejudicada, influenciada pela falta de equipamentos adequados utilizados pelos alunos. Para contornar essa situação os alunos postavam semanalmente vídeos no Classroom tocando as músicas estudadas em aula. Os vídeos eram gravados no celular para garantir uma melhor qualidade na captação do som e imagem. Depois, o professor analisava os vídeos e apresentava durante as aulas, destacando aspectos referentes a técnica do violão e/ou da música.

3.5. Identificação das ações desenvolvidas

As atividades desenvolvidas no projeto foram distribuídas da seguinte forma: reuniões semanais com o orientador, leituras da bibliografia, análise de métodos de violão, pesquisa e seleção de ritmo e músicas do repertório musical, edição de vídeos, edição de cifras, elaboração de conteúdos de teorias musical, seleção de aplicativos e links de vídeos do *Youtube* para suporte das aulas. Os alunos aprimoraram a técnica do instrumento através dos ritmos Marcha, Valsa e Reggae. As músicas trabalhadas com os alunos foram: Ciranda Cirandinha (Domínio Público), A Canoa Virou (Domínio Público), Pirulito que Bate-Bate (Domínio Público), Despedida (Roberto Carlos), A Casa (Vinicius de Moraes e Toquinho), O Cravo Brigou com a Rosa (Domínio Público), Terezinha de Jesus (Domínio Público), Quero Ser Feliz Também (Natiruts), Estrada da Vida (Milionário e José Rico), Peça Felicidade (Melim) e Meu Erro (Os Paralamas do Sucesso).

As músicas trabalhadas em sala tiveram como propósito o aperfeiçoamento técnico do violão através do repertório. Ao mesmo tempo, os alunos aprenderam conteúdos voltado a teoria musical, tais como característica da Música e do Som; pulso; compasso; fórmula de compasso (binário, ternário e quaternário); ictus inicial (tético; acéfalo e anacruse); estruturação musical; literatura musical e conhecer compositores das músicas trabalhadas.

Ao final do curso foi feita uma Pesquisa de Satisfação via *Google Forms*. Essa pesquisa buscou obter respostas dos alunos sobre a percepção geral do curso, sobre as aulas remotas, o desempenho individual nesse formato de curso, bem como os conteúdos e a dinâmica ocorridos durante as aulas. A pesquisa era composta por perguntas abertas e de múltipla escolha.

Considerações finais

No momento atual, submerso na pandemia da Covid-19, nos obrigou a refletir sobre nossas práticas docentes, principalmente no ensino de instrumento musical. Para colocar em prática o projeto tivemos que (re)inventar e sair da nossa zona de conforto e buscar soluções através dos recursos digitais disponíveis. Infelizmente, os desafios são grandes quando pensamos em ferramentas digitais, uma vez que estas não são pensadas especificamente para aulas de instrumento.

Do ponto de vista do bolsista, a execução do projeto foi de total relevância para o seu crescimento profissional. O bolsista, através de leitura bibliográfica, teve contato com os principais autores que discutem sobre as temáticas relacionadas ao ECIM e o ERE. Além disso, através das experiências e reflexões vivenciadas, trouxe possibilidades para trabalhar o ensino de música no formato remoto e elaborar um material musical para aulas presenciais e remotas, seja individual ou em grupo.

De maneira geral, o projeto atendeu os objetivos propostos dando aos alunos a oportunidade de aperfeiçoar aspectos técnicos ao violão tocando músicas do repertório do violão popular a partir dos ritmos Marcha, Valsa e Reggae. Com isso, os alunos criaram autonomia para tocar músicas através de letra cifrada e continuar seus estudos por conta própria. Além da prática musical, os alunos assimilaram conceitos básicos da teoria musical, e através da apreciação musical conheceram um pouco sobre a história da música e dos compositores das músicas estudadas.

Os alunos sempre se mostravam empolgados e motivados a participar das aulas e conseguiram acessar a plataforma para videoconferência. A maioria participava, fazia as atividades em grupos e enviava os vídeos para as orientações do professor. Os alunos utilizaram os aplicativos de apoio e conseguiram acessar o material. Durante as aulas, além do fazer musical, os alunos manifestavam bastante interesses na teoria e na literatura musical.

As aulas no formato remoto tiveram alguns pontos negativos. Foi evidente a dificuldade dos alunos mais velhos em manusear as ferramentas digitais e acessar o material. Com a ajuda do professor e dos demais colegas de turma, as dificuldades foram sanadas no decorrer do curso. Também, alguns alunos não ligavam a câmera durante as aulas e não enviavam os vídeos para avaliação do professor. Nesse quesito, a orientação ficava prejudicada e não era possível acompanhar o desenvolvimento desses alunos. Em outros

momentos, alguns alunos não conseguiam acessar as salas por causa da má conexão com a internet, ocasionando em faltas constantes. Por fim, foi identificado a falta de ambiente adequado para trabalhar (espaço físico ou barulho externo), tanto do professor quanto dos alunos.

Independente da situação em que nos encontramos, fomos obrigados a nos adaptar e descobrir novas propostas de ensino de música. Isso nos faz lembrar que o professor é um eterno pesquisador. Somente assim poderemos contribuir no processo de ensino e aprendizagem da música de maneira eficiente.

Referências

BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca. Educação musical, tecnologia e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. *OuvirOUver*, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 292-304, 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. *Jornal da universidade UFRGS*. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWINCK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: Teoria, pesquisa e prática. *EM PAUTA*, v. 13, n. 21, p. 5-41, 2002.

GROSSI, Cristina. Reflexões sobre atuação profissional e mercado de trabalho na perspectiva da formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 8, p. 87-92, 2003.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialogia*, n. 34, p. 351-364, 2020.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital *onlife*. *Revista UFG*, v. 20, p. 1-35, 2020.

RODRIGUES, Alessandra. Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. *SBC Horizontes*, 2020. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/17/ensino-remoto-na-educacao-superior/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

SCOTTI, Adelson. *Violão no espaço virtual: Construindo saberes*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SILVA, Alexandre Luiz Alves da. Aplicação dos modelos teóricos de Swanwick na performance do violão erudito. In: VIII Simpósio Acadêmico de violão EMBAP/UNESPAR. *Anais*, Curitiba, 2015, p. 13-25.

SOUZA, Luan Sodrê de. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: Algumas considerações. In: VI ENECIM Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. *Anais*, Salvador, 2014, p. 335-342.

STERVINO, Adeline. Ensino conservatorial versus ensino coletivo: algumas reflexões. In: VI ENECIM Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. *Anais*, Salvador, 2014, p. 25-32.

THOMAZ, Rafael; SCARDUELLI, Fabio. O Violão popular brasileiro: procurando possíveis definições. *Per Musi*. Belo Horizonte: UFMG, n. 37, p.1-18, 2017.

TOMAZINHO, Paulo. Ensino Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em: 18 jul. 2021.

TOURINHO, Cristina. Ensino coletivo de instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: XVI Encontro Nacional da ABEM e Congresso Regional da ISME. *Anais*, 2007, p. 1-8.